

CORONEL, CORONÉIS VIRA DIE GRUNDHERREN

Quarenta anos após sua primeira edição no Brasil, o clássico sobre coronelismo no Nordeste é traduzido para o alemão. A obra não perdeu sua atualidade, embora o coronelismo tradicional tenha passado por uma metamorfose, gerando o „coronelismo eletrônico“, adaptado à sociedade da informação e arraigado até no Congresso Nacional.

Escrito a partir de um trabalho de campo realizado em 1963 por Roberto Cavalcanti de Albuquerque e Marcos Vinícios Vilaça e publicado pela primeira vez em 1965, *Coronel, Coronéis - Apogeu e Declínio do Coronelismo no Nordeste* é uma radiografia do poder na região mais pobre do país, nos meados do século 20.

Depois de várias edições no Brasil e traduções para o espanhol, inglês, francês e italiano, a versão alemã chegou às livrarias no final de 2005, através da editora Brillkünde, às vésperas da maratona eleitoral brasileira deste ano. A tradução é do diplomata Guido Heymer, ex-cônsul geral da Alemanha no Rio de Janeiro, que contou com a assessoria de Maria do Carmo Ventura Wollny, professora da UFRJ.

„É incrível que esta obra clássica da sociologia só agora tenha sido traduzida para o alemão“, admira-se o jornalista Matthias Matussek, ex-correspondente da revista *Der Spiegel* no Brasil. „Mas uma coisa é certa: nesses 40 anos, o livro não perdeu nada de sua força e atualidade“, acrescenta, na apresentação da edição alemã.

Os coronéis, com suas cartas-patente, são descritos na obra como homens poderosos, donos de terras, que compravam votos para se manter no poder. Como não



respeitavam os limites de seus currais eleitorais, acabaram se liquidando mutuamente, embora a expansão do rádio e da televisão tenha sido fator fundamental para seu declínio. Ou, como escreveram os autores: „O coronel é instrumento dialético de seu próprio ocaso“.

Coronelismo eletrônico

Trata-se, porém, de um ocaso lento, como mostram os resquícios do coronelismo visíveis até hoje, sobretudo durante as campanhas eleitorais, em Estados como o Maranhão, Piauí, Sergipe, Alagoas e Bahia. É nesses Estados também onde é mais evidente a versão moderna da política dos coronéis – o chamado „coronelismo eletrônico“, o controle dos meios de comunicação por detentores de mandatos.

E o „coronelismo eletrônico“ é um fenômeno suprapartidário. Pesquisa recente realizada pelo professor Venício de Lima, do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília (UnB), aponta que 49 deputados (10% dos membros da Câmara) são concessionários diretos de emissoras de rádio e TV. Pela Constituição, eles

deveriam ter se afastado delas antes de receber o diploma parlamentar.

Segundo Lima, a bancada dos „coronéis eletrônicos“ tem a seguinte composição partidária: PMDB (13), PFL (8), PP (7), PL (5), PSDB (4), PTB (4), PSB (4), PPS (2), PDT (1) e PV (1). Onze dos 40 integrantes da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática são donos de meios de comunicação e „correm o risco“ de legislar em causa própria. Em tese, esses parlamentares poderiam até perder seus mandatos. Em tese. Mas não no país de *Coronel, Coronéis*. (GH) ■

